

Coleção Palavra de Educador (a)

JOÃO PAULO ARAÚJO DE CARVALHO



CAMINHOS DE
Saudade

JOÃO PAULO ARAÚJO DE CARVALHO

CAMINHOS DE
Saudade



GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE
Belivaldo Chagas Silva

VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DE SERGIPE
Eliane Aquino Custódio

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA
Josué Modesto dos Passos Subrinho

SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE EDUCAÇÃO
José Ricardo de Santana

SUPERINTENDENTE ESPECIAL DE ESPORTE
Mariana Dantas Mendonça Gois

Coordenador do Programa Editorial da SEDUC
Sidiney Menezes Gerônimo

Assessor Administrativo do Programa Editorial da SEDUC: Jonas José de Matos Neto

Membros do Conselho Editorial:
Josué Modesto dos Passos Subrinho
(Presidente), Sidiney Menezes Gerônimo
(Coordenador), Simone Paixão Rodrigues,
Rosemeire Marcedo Costa, Eliana Midori
Sussuchi, Débora Evangelista Reis Oliveira,
Roberto Jerônimo dos Santos Silva, Aglaé
D'Ávila Fontes.

Caminhos de Saudade

Capa: Rayane Farias

Diagramação: Rayane Farias

Revisão Ortográfica: Jânio Vieira, João Victor Rodrigues e Viviane Cardoso

Editora SEDUC – 2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Carvalho, João Paulo Araújo de

C331c Caminhos de saudade / João Paulo Araújo de Carvalho.
– Aracaju : Editora SEDUC, 2021.
52 f. : il. color – (Coleção Palavra de Educador (a))

ISBN 978-65-5371-007-8

1. Poesia Sergipana. I. Carvalho, João Paulo Araújo de.
II. Título.

CDU: 82-1(813.7)

Ficha elaborada pela bibliotecária Ma. Isis Carolina Garcia Bispo – CRB-2037

O Programa Editorial da SEDUC

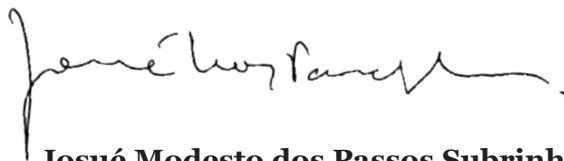
O Programa Editorial da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC/SE apresenta à sociedade os livros produzidos por estudantes, professores(as), profissionais de gestão e pesquisadores(as) em geral, envolvidos(as) com as redes públicas estadual e municipais da educação sergipana. O lançamento dessas obras sinaliza para a concretização de metas estabelecidas no **Plano de Governo Pra Sergipe Avançar (2019-2022)**, cuja execução contou com a participação do Conselho Editorial da SEDUC, de representantes das comunidades escolares e das academias de letras locais. O resultado dessa construção coletiva está materializado nas **Coleções de livros** do Programa Editorial da SEDUC.

A magia de escrever e desenhar é a coleção que cultiva o jardim das primeiras letras, cuidando carinhosamente do processo de alfabetização. A coleção **Estudante escritor(a)** cuida de cada palavra como flor do processo de letramento, que evolui junto com nossos(as) estudantes dos ensinos fundamental e médio.

Já a coleção **Palavra de Educador(a)** transforma dissertações e teses em livros científicos, bem como publica as aventuras docentes pelo universo literário. A coleção **Saberes em gestão educacional**, por sua vez, abriga a produção dos(as) profissionais de gestão que atuam nas estruturas administrativas da SEDUC e das Secretarias Municipais de Educação - SEMEDs.

Histórias de Sergipe é o nome da coleção responsável pela preservação da memória sergipana, ao passo que a coleção **Paradidáticos sergipanos** gesta material de apoio didático para todos os componentes curriculares da educação básica. Por fim, a coleção **Autores(as) da inclusão** abraça as criações de estudantes com deficiência no âmbito da educação pública do nosso Estado.

Espera-se que, a cada ano letivo, um novo empreendimento editorial seja divulgado, a fim de que as comunidades escolares possam desenvolver uma cultura escolar do hábito da leitura e da produção da escrita.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Josué Modesto dos Passos Subrinho', with a stylized, flowing script.

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Secretário de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

O que é saudade?

É uma dor.

Mas, não uma dor

Ruim.

Pois, significa

Que você realmente

Amou.

Ela serve pra

Relembrar

Os bons momentos

Vividos.

A saudade tem

Gosto

De gratidão

Por ter conhecido

E convivido

Com alguém que

Se amou.



Desenho de Arthur e poesia de Alice Anita, meus filhos, para o bisavô Orestes (05 de julho de 2021).

*Só uso a palavra para
compor meus silêncios.*

Manoel de Barros



*Essa obra é dedicada a Orestes Souza
de Carvalho, meu avô, com quem tenho
percorrido caminhos de saudade.*

SUMÁRIO

AQUARELA DE SAUDADE	13
PARTE 1 – O QUE É A POESIA	17
A PALAVRA QUE NOS DÁ SENTIDO	19
AS CORES DE CADA LEITURA	20
COM UM OLHAR	21
O QUE É A POESIA	22
PEDRA	23
PARTE 2 – UM PAVIO DE MEMÓRIAS	27
A MÁQUINA	29
AOS CÉUS AGRADECE	30
ÁRVORE	32
BOI PRETO E BOI CASTANHO	34
CAMINHOS DE ESPERANÇA	36
CENÁRIO DE MIL ENCANTOS	38
COM GOSTO DE SURRA DE MÃE	39
DUAS JUNTAS DE BOI	40
LAMENTO PELA PARTIDA	41
NÃO PODIA CONTEMPLAR	44

NUM GESTO DE FÉ	46
TRADIÇÃO DO MEU SERGIPE	48
UM PAVIO DE MEMÓRIAS	50
PARTE 3 – NUVENS DE DOÇURA	55
AMOR DE CRIANÇA	57
CHORO DE ALEGRIA	58
ESPERANÇAS	59
NUVENS DE DOÇURA	60
SORRISO DE ALENTO	63
UM SORRISO MENINO	64
VOCÊ ME INSPIRA	65
PARTE 4 – QUE SABOR TEM A SAUDADE?	69
COMO UMA ÁRVORE	71
JÁ É HORA	75
LACRIMAR	77
LINHA TÊNUE	78
NO SEU VAIVÉM	80
QUE SABOR TEM A SAUDADE?	82
SAUDADE	83
TRADUZIR SAUDADE	87

AQUARELA DE SAUDADE

Tocados pelas inconstâncias da vida, os poetas buscam transcender tudo que lhes inquietem, sufocam, admiram ou amam, por meio da poesia. A matéria-prima para se escrever é tão vasta quanto os grãos de areia na praia. Eles podem falar de “Gorjeios”, igual Manoel de Barros, ou de uma simples “Janela” como fez Adélia Prado. Mas, por que não falar da própria poesia? Afinal, o que é poesia? De forma audaciosa, o historiador João Paulo Araújo de Carvalho mergulha no universo poético e já inicia seu primeiro livro de poemas mostrando-nos, por meio da palavra que “DÁ SENTIDO ao existir”, o que é a poesia. Para o historiador-poeta, a poesia é um pouco de cada um de nós, é uma bela rosa, “é um ‘eu’ que fala/ a outro ‘eu’;/ que toca e marca/ aqueles por quem passa/ multiplicando sensações”.

Como disse anteriormente, a matéria-prima para a criação de poemas é ilimitada, mas, na segunda parte do livro, João Paulo alimenta-se das memórias que carrega desde pequeno para compor esses poemas. As lembranças da “Máquina”, da “Árvore” ou das “Duas juntas de boi” não se perenizaram com o tempo. Pelo contrário, refervem-se a cada dia e compõem um “Pavio de Memórias” que está sempre aceso e itinerante em sua vida. Essas memórias têm aroma e sabor, tal qual da farinha que sai quentinha do forno, da carne de sol, do caju ou da castanha que sai queimadinha da lata de alumínio e, também, aquele gostinho de uma surra de mãe. Essas lembranças possuem a força de um vaqueiro, o som de um carro de boi subindo a ladeira, a luz de um candeeiro, a sombra de uma árvore e a fé, até mesmo, de quem “Não podia contemplar”.

Ah, como são boas essas lembranças, tais quais as “Nuvens de doçura” que ele descreve delicadamente na terceira parte da obra, nutri-

das, especialmente, pelo amor que o autor sente aos filhos. Nessa parte, o escritor faz uma nuvem poética carregada de esperança, amor, alegria, inocência, de “Sorriso de alento” e de “Olhar de encanto/ Pureza e amor” que as crianças têm. Essa nuvem tão linda e doce é embalada “Ao som do Gonzaga/ Que não toca somente nos *Wolks*/ Mas na alma de quem no chão labora”. É uma verdadeira nuvem de doçura, poderíamos, até, compará-la a um algodão-doce: fofa, macia, bonita, leve e doce. Ela tem toda a beleza e calma que as nuvens do céu possuem, e que gostaríamos de ver enfeitar todos os nossos dias que, por vezes, é coberto por nuvens cinzentas, carregadas de angústias e ressentimentos que as crianças não costumam ter.

Não pensem que ele se contentou apenas com a poesia, as memórias e as nuvens. Não, ele não se contentou! Então na quarta e última parte da obra, o autor, mergulhando no mais profundo e delicado do seu íntimo, trouxe à tona uma abstração que todos ou quase todos nós sentimos, SAUDADE. Nesse espetáculo final, João Paulo trata, de modo admirável, o sabor que tem a saudade. Para ele, esse sentimento nos dias de hoje “Tem o feliz sabor da/ GRATIDÃO”. Gratidão pelos ensinamentos, pelo amor e cuidado que seu avô, Orestes Souza de Carvalho, sempre teve para com ele. E é esse amor e gratidão que o motiva e inspira a percorrer *Caminhos de saudade*.

No entanto, não pense você, caro leitor, que ele está a percorrer esses caminhos sozinho. Não! Pelo contrário, é com o próprio avô, a quem ele dedica essa rica obra, que o escritor tem percorrido esses caminhos, pois a saudade “É esperança/ Com o sabor da certeza/ Da presença na ausência;/ Da voz no silêncio”. E é por sentir, diariamente, a presença do avô, mesmo na ausência física, que o autor não está só e que torna essa caminhada ainda mais bela e gratificante.

Enquanto Toquinho pintou um navio de partidas em uma folha

qualquer, João Paulo pintou, nesse livro, com as mais diversas cores e nas mais variadas texturas, a saudade que ele sente pelo avô, em forma de poesia. Essa pintura é digna de se emoldurar e pôr em exposição. Apreciem essa aquarela!

Viviane dos Santos Cardoso

Julho de 2021

Parte 1

O QUE É A POESIA



*Tenho de me abastecer de palavras
sobretudo as que me transportem
para ponte pênsil da esperança.*

Manoel Cardoso

A PALAVRA QUE NOS DÁ SENTIDO

A palavra
Traduz sentimentos
Constrói sonhos
Edifica saberes
Transforma vidas
Inspira ações.

A palavra
Liberta
Ou aprisiona;
Faz viver
Ou morrer.

A palavra
De A a Z,
Num piscar de olhos,
Na mente
Ou no papel
DÁ SENTIDO ao existir.

Nossa Senhora das Dores (SE),
06 de junho de 2020.
(Para o amigo Jailton Filho)

AS CORES DE CADA LEITURA

Biblioteca
Livros
Viagens no conhecimento
Em cada página
Um novo lugar
Um novo saber
Um novo ser
Que emerge
De um universo
Múltiplo e único
Com as cores
De cada leitura.

Nossa Senhora das Dores (SE),
12 de junho de 2020.
(Para Jânio Vieira)

COM UM OLHAR

Nos olhos que refletiam sorrisos,
Esperança,
Amor próprio,
Hoje brotavam,
No fim de uma tarde triste,
A angústia,
O pesar,
O pedido silencioso de ajuda.

Do outro olhar,
A tensão,
O padecer,
O querer gritar,
O amar em forma de palavra sincera,
Mas que machuca,
Que conecta,
Com um olhar,
Dois corações que sangram.

Nossa Senhora das Dores (SE),
07 de dezembro de 2020.

O QUE É A POESIA

Senão um pouco de nós.
Sonhos, sentimentos, lutas,
vitórias, quedas das quais
mais fortes nos levantamos.

A poesia é como a
mais bela rosa
que nasce escondida
dentro de um botão,
mas quando desabrocha
exala perfumes e
cores vibrantes
despertando emoção.

Poesia...
É identidade;
é um “eu” que fala
a outro “eu”;
que toca e marca
aqueles por quem passa
multiplicando sensações.

Nossa Senhora das Dores (SE),
10 de agosto de 2020.
(Para a poetisa Viviane Cardoso)

PEDRA

Pedra,
Sobre ti o Drummond já escreveu.
Por detrás de ti,
Amanhece o astro-rei.

Tu que escondes os desencantos
Do poeta que, por amor,
Um dia sofreu.

Tu que és morada do mocó
E do calango que ali não está só;
Na toca onde até
Lampião se escondeu.

De ti vejo cair uma lágrima
Por ver-se rodeada
De tanto mal que
O homem ao outro veio cometer.

Pedra,
Temos algo em comum:
A força que homem nenhum
Dá fim ao entardecer.

Canindé de São Francisco (SE),
11 de julho de 2015.



Parte 2

UM PAVIO DE MEMÓRIAS



*Nos olhos de uma criança
vejo o tempo
mas tempo que não passa*

*É tempo
que ele traz
em moldura.*

Jânio Vieira

A MÁQUINA

que em cada tecla
carrega um sonho;
em suas folhas
povoadas de histórias
escritas com sangue,
suor e lágrimas;
pois, na máquina
registro
o que guarda
nas memórias
a gente de minha terra
que com trabalho, fé e alegria
vai tecendo
suas trajetórias.

Nossa Senhora das Dores (SE),
12 de junho de 2020.
(Ao historiador Luís Carlos de Jesus)

AOS CÉUS AGRADECE

Seca.

Nessa palavra

Cabem tantos outros nomes...

O gado a passar fome

No curral berrando;

A carcaça da rês

Deitada ao chão,

Pra da morte eu lembrar;

Acauã,

De canto penoso,

Vem anunciar;

A filharada,

No quarto chorosa,

Pelo alimento a faltar.

Mas, lá no pé da serra,

O ipê florido

Vem nos recordar;

Que com a trovoada,

De dias atrás,

A esperança se pode renovar.

Assim o sertanejo

No chão se prostra

A Deus vai rezar;

Ali, de joelhos,
Aos céus agradece;
Acabou seu penar.

Nossa Senhora das Dores (SE),
14 de novembro de 2018.
(Para a sertaneja Maria José Oliveira,
minha avó, que, como as trovoadas,
nos renova a esperança a cada estação)

ÁRVORE

Árvore.

Muitos olham pra você
E veem apenas um “pé de pau”,
Um saco de carvão
Ou uma cerca de estacas novinhas.

Árvore.

Eu olho pra você
E vejo uma vida.
Eu olho pra você
E vejo um ninho de rolinha.
Eu olho pra você
E ouço pássaros a cantar...

Oh! Querida árvore!
Meus olhos agora choram
Por vê-la caída ao chão.
Meus olhos agora choram
Por ouvir o barulho ensurdecador
Da serra elétrica.
Meus olhos agora choram
Ao verem quebrados
Os ovinhos das rolinhas.
Meus olhos agora choram,
Pois, não ouço mais

O canto dos pássaros
Ao amanhecer.

Árvore.
Tu agora és
Apenas uma montanha de lenha.
Sem vida,
Sem pássaros,
Sem cantos,
Sem árvore,
Sem encantos,
Sem nada.

Canindé de São Francisco (SE),
26 de dezembro de 2014.

BOI PRETO E BOI CASTANHO

Sertão.

Lugar de seca e de chuva;
D'acauã e do mocó;
Do facheiro e do pau-ferro;
Do pau-d'arco e do mandacaru.

Sertão.

Lugar do meu amor;
De sofrimento e de dor;
Onde vi o sol se pôr
Por detrás daquela serra.

Sertão.

Lugar do boi preto e do boi castanho
Que no inverno ajudam a plantar.
Bois que na chuva engordam no pasto;
Que na colheita a safra faz transportar.
Bois que hoje foram ao barreiro
Pra minha sede, com seu suor, saciar.

Sede no sertão.

Sede que afasta o homem do verde da serra.
Que leva o sertanejo pra longe da sua terra.
Sede que afasta dali a Asa Branca,
Que mata o bezerro, o boi e a vaca espanta,

Que transforma a mata verde da serra
Numa mata cinzenta da cor de terra.

Caatinga.

Caatinga da seca e do verde;

Caatinga do sertanejo e do canto da Acauã;

Caatinga da dor e do meu amor;

Caatinga do boi preto e do boi castanho,

Que a minha sede amenizou.

Canindé de São Francisco (SE),
26 de dezembro de 2014.

(Aos corações sertanejos de Francisco
Alves Rocha e Idalice Alves Rocha de Carvalho)

CAMINHOS DE ESPERANÇA

O menino...
Sonha, ilumina,
Raspa a mandioca.

Prensa...
A massa
Que sacia.

No livro...
Transcende, viaja.

No forno...
O aroma que abrasa.

Na parede...
O laranja ilumina e conecta
Passado, presente e futuro.

Lembranças, memórias...
Te guiam
Tecendo fios do alvor
Que embala.

Como a luz que acende
O pavio

Iluminando caminhos de esperança.

Nossa Senhora das Dores (SE),
13 de maio de 2020.
(Para Valtênio Santana)

CENÁRIO DE MIL ENCANTOS

O meu município é
Cenário de mil encantos
À sombra da torre os pássaros
Recordam tantos recantos
Sabores de minha infância
Embalados em seus cantos.

Nossa Senhora das Dores (SE),
04 de junho de 2020.
(Para “a minha árvore”, localizada
na praça da Matriz)

COM GOSTO DE SURRA DE MÃE

No Sergipe, o Capim do boi
Belo cenário da história
D´um passeio de bicicleta
Que não deixou escapatória
Com gosto de peixe e siri
Uma surra de mãe, não esqueci
Essa ficou na memória.

Nossa Senhora das Dores (SE),
10 de junho de 2020.
(Para Professor Aldo, amigo do rio Sergipe)

DUAS JUNTAS DE BOIS

O velho carro de boi sobe a ladeira
Ao vermelho do barro da estrada
Se soma o verde da serra ao fundo,
Sinal do bom inverno
Que aquelas terras
Abençoava.
Milho, feijão, macaxeira, fava...
A paisagem se completa com o som dos pássaros;
O aboio do carreiro que cobre a fronte
Com um surrado chapéu de couro;
O inconfundível canto
Do eixo de sucupira;
E o mugido dos bois, pretos e brancos,
duas juntas... dois tempos...;
Canto que nos leva a viajar na memória,
Que traz para o presente o passado
Que traz à tona lembranças
De carros que iam e vinham
Aos montes
Pelas poeirentas estradas
Levando gentes e o
Fruto do seu trabalho.

Nossa Senhora das Dores (SE),
14 de junho de 2020. (Ao poeta Miguel
Messias dos Santos)

LAMENTO PELA PARTIDA

(Sob inspiração de “Trem de gado”, de Cora Coralina)

Sesmaria.

Duas léguas

Pro´s seus rebanhos pastorar.

Caminhos, veredas,

Serras, tabuleiros,

Beiras de rio.

Mugidos;

Aboios;

Berrantes;

Labores.

As meninas de seu Jaime

Num casamento caipira.

Do Itaperoá, o Leal,

Versos a lhe dedicar.

Mestiço, holandês, nelore,

Indubrasil, Girolando, Guzerá...

Pastam em seus verdes campos.

Dorper ou Santa Inês, gado miúdo,

Criação igualmente bem-sucedida.

Terno de couro,
Cabeça coberta,
Num appaloosa desafia
A mataria espinhenta das grotas
Da antiga Campanha.

Pega de boi;
Vaquejada;
Cavalgada;
Corrida de argola;
Carros de boi a cantar.

Festejos, torneios, touradas, rodeios,
Vaqueiros, amazonas, peões, carreiros.

Leite, queijo, manteiga, requeijão...
Da melhor carne de sol, não se pode esquecer.
Junto ao saboroso cuscuz e a um café quentinho
Dão forças pra sua lida enfrentar.

Como não lembrar do aroma
E dulcíssimo sabor
Que sai da compota.
Que prazer degustar...

Bravios gados
Numa tristonha tarde
Do companheiro a lamentar.

Santa-cruz

Cova rasa.

Pra sua morte recordar.

Na beira do tanque encravada.

Pescaria sempre lembrada.

Um aboio de despedida.

Um lamento pela partida.

Nossa Senhora das Dores (SE),
15 de maio de 2020.(Ao anônimo
vaqueiro pelo qual rezam os
penitentes do Gado Bravo Norte)

NÃO PODIA CONTEMPLAR

Sem nome
Olhar tristonho
Que repousa
Do abandono
Aos pés do altar.

Cercada de
Santos e
Anjos;
De olhares
Indiferentes
E compassivos.

Na Casa da Mãe
Encontrou
A paz.

Em meio a
Cantos e
Louvores,
Que espanto,
É para fora
Do acalento
Colocada.

Como ser
Pagão
Que era
A pequena
Cadela
A Deus no templo
Não podia contemplar.

Nossa Senhora das Dores (SE),
27 de dezembro de 2020.
(Ao poeta Manoel Cardoso)

NUM GESTO DE FÉ

No coração da urbe está
a Morada de Deus,
Refúgio dos homens;
Casa e colo da Mãe
no qual angústias,
alegrias e dores,
depositadas com confiança,
são levadas com carinho ao Filho,
à sua frente
prostrado na Cruz;
Inspiração dos poetas,
artistas da palavra,
e dos pintores,
artistas das cores,
mas também daqueles
que creem no amor do Pai;
Lugar a partir do qual
o Santo Espírito
irradia bênçãos
aos passantes que,
num gesto de fé,
reclinam suas cabeças,
tiram seus chapéus
e invocam a proteção
da Trindade Santa.

Nossa Senhora das Dores (SE),
13 de junho de 2020.

TRADIÇÃO DO MEU SERGIPE

Caju
Cajueiro
Pedúnculo?
Pseudofruto!

Castanha
Verdadeiro fruto
Daquele que é
Coração.

Lata velha
Inservível,
Vida nova
Ela ganha
Pelas mãos
D'uma criança.

Lenha,
Fogo,
Tijolos,
Lata...
Com cuidado
Remexida.

Azeite
Espanando

Quente
Deixa marcas
Na memória.

Da preta lata
Sai queimadinha.

No pó da terra
A esfriar.

Sem casca
Vira manjar.

Tradição
Do meu Sergipe

Nossa Senhora das Dores (SE),
26 de janeiro de 2020.

UM PAVIO DE MEMÓRIAS

Vida que se transforma
Vida que se sustenta
À luz do candeeiro.

Raspando mandioca
Também se conhece as letras.

Como o mundo dá voltas?!

Assim o caipira,
Como a farinha que já foi massa,
Que veio da terra
E no forno perfuma
A velha casa de taipa,
Transforma sua história.

Com seu livro aberto
Mundos a descobrir...
Viaja e volta.
Volta e transforma.
Traz luz, recorda,
Tecendo o futuro
No alaranjado clarão
De um pavio de memórias.

Nossa Senhora das Dores (SE),
13 de maio de 2020.(Para os membros
do Grupo Enforcadense de
Estudos Literários - GEEL)



Parte 3

NUVENS DE DOÇURA



*Como o príncipezinho estivesse adormecido,
peguei-o nos braços e voltei a caminhar. Eu
estava emocionado. Tinha a impressão de
carregar um frágil tesouro. Parecia-me
até que não havia nada mais frágil na Terra. Sob a
luz do luar, eu olhava aquela tez pálida, aqueles
olhos fechados, aquelas mechas de cabelos
oscilando ao vento, e pensava: "O que estou vendo
é apenas uma casca. O mais importante é invisível..."*

Antoine de Saint-Exupéry

AMOR DE CRIANÇA

Amor de criança.
O mais puro sentimento;
Que alimenta a esperança
De futuro sem lamento.

“Deixai vir a mim”
Disse o Mestre num momento
Nas criancinhas encontro
Verdadeiro sentimento.

Com grande sinceridade,
Semeie sem estranhamento
E “ao próximo como a si mesmo”
Ame até no sofrimento.

Canindé de São Francisco (SE) /
Nossa Senhora das Dores (SE),
11 de julho de 2015 e 15 de
novembro de 2018.

CHORO DE ALEGRIA

Um amigo que partiu.

Um reencontro inesperado.

Um choro de alegria.

Um abraço apertado.

Nossa Senhora das Dores (SE),
07 de novembro de 2020.
(Para o amigo Júnior, o gato fujão)

ESPERANÇAS

À sombra do cajueiro
Do saber
Da infância
Do agridoce sabor
Do vaivém da memória
Do embalo que irmana
E semeia o amor

Do fubá
Da castanha torrada
Azeitando as lembranças
Do dever cumprido

Fazendo-se crianças
De duas letras “A”
Que dão sentido à vida

Esperanças.

Nossa Senhora das Dores (SE),
13 de maio de 2020.
(Para Alice Anita e Arthur)

NUVENS DE DOÇURA

Nuvens de doçura
Que por sobre aqueles alvos cabelos
Transitam a relembrar
Dos janeiros bem-vividos.

Brancos pelos cada vez em menor número
Escondidos por negro chapéu.

Em cada fio uma história
Em cada curva memórias
Dos dias que já se foram.

Com o aroma do leite quentinho
De “Roxinha” ordenhada
Aos primeiros raios de sol.

Ao som do velho Gonzaga
Que não toca somente nos *Wolks*
Mas na alma de quem no chão labora
Como quem escreve cantos
De amor ao bem viver.

Saudade...

Do ouro semeado
Com as primeiras chuvas

Para ser celebrado
No mês do Santo João
Ao redor de uma fogueira
Cozido, assado, em tantos pratos
Com sabor de feliz família.

O suor que a companheira
Com carinho transforma
Em sabores que transcendem
A capacidade de em tortas linhas expressar.

Nuvens caramelizadas de doçura
No caldeirão produzidas
Herança de gerações.

O sol que brilha
Dentro do forno
Em forma de tradição.

De leite, açúcar e ovos
Um cravo cheiroso pra finalizar.
Ou o coco que ao milho entrelaça
Em uníssona forma
A se desenformar.

Sabores,
Memórias...
De um tempo de paz.

Saberes,
Histórias...
Pontes de sabor de mel.

Nuvens de gratidão;
De exemplo que edifica;
De referências pra toda a vida.

Nossa Senhora das Dores (SE),
14 de maio de 2020.
(Para Anita e Orestes)

SORRISO DE ALENTO

Resplendor
Do amor que contagia.
Semente
De luz
Nas mãos do Criador.
Olhar de encanto,
Pureza e amor.
Sorriso de alento,
minha pequena Ana,
a “cheia de graça”,
doçura e pendor.

Nossa Senhora das Dores (SE),
20 de maio de 2020.
(Para Alice Anita)

UM SORRISO MENINO

Na esperança de um dia feliz;
O peixe que o anzol não quis;
O brincar com o sol à pino
Nas águas de um rio que se foi
Levando do pescoço o suor
Da criança que se faz aprendiz.

Nossa Senhora das Dores (SE),
03 de dezembro de 2020.
(Para Arthur, sob inspiração
de *Matéria de poesia*,
de Manoel de Barros)

VOCÊ ME INSPIRA

Você

Me inspira

A ser

Uma pessoa melhor

A cada amanhecer.

Nossa Senhora das Dores (SE),
06 de junho de 2020.
(Para Arthur)



Parte 4

QUE SABOR TEM A SAUDADE?



A saudade é o bolso onde a alma guarda aquilo que ela provou e aprovou. Aprovadas foram as experiências que deram alegria. O que valeu a pena está destinado à eternidade. A saudade é o rosto da eternidade refletido no rio do tempo.

Rubem Alves

COMO UMA ÁRVORE

Raízes, caule com seus ramos,
Folhas, flores, frutos, sementes.
Assim é constituída a maioria das árvores,
Que surgem das sementes, que vêm dos frutos,
Que já foram flores, que já estiveram conectados aos ramos,
Que pelo caule receberam a seiva sugada pelas raízes
E pelas folhas realizou fotossíntese.

Assim é, também, o ser humano.
Como uma árvore na plenitude do seu ser, do seu existir,
Esse humano-árvore já foi semente lançada ao solo, regada e cuidada;
Já produziu a beleza e a alegria das flores primaverais,
Atraindo abelhas e pássaros em busca do seu saboroso néctar;
Já derrubou suas folhas nas tristezas e angústias dos outonos da vida;
Teve galhos que cresceram, outros que secaram, alguns que precisaram ser cortados
Pelo facão do podador que elimina alguns defeitos e ajuda a moldar qualidades;
Outrora esteve ligada à árvore-mãe pelo tronco
Do qual precisou se desconectar para, em outras paragens,
Juntar-se a outra árvore e, com ela, formar novo pomar com frutas fresquinhas.

Mangas, jacas, cajus, jabuticabas, graviolas, pinhas, jenipapos, limões, laranjas...
Cada qual com sua singularidade e sabor sem igual.

Uns mais adocicados, outros mais azedinhos ou de gosto pouco atraente,

Alguns mais ácidos, outros agrídoces...

Todos eles, no entanto, eternamente ligados àquela raiz primeira,
Àquele semear inicial que produziu a árvore-mãe, o humano-árvore
O patriarca ou a matriarca de cada família.

Ah! A família... lugar no qual somos semeados e,
Como nos pomares, temos que conviver com árvores
Que produzem os mais diversos frutos, mas
Que alimentam umas às outras com seu sombrear,
Com suas folhas que caem no tempo certo e adubam a terra,
Com seus aromas que atraem insetos e aves
Que fecundam flores e espalham sementes.

E o ciclo da vida recomeça!
O ciclo da vida recomeça, inclusive,
Quando a árvore primeira, o humano-árvore
De cuja linhagem vieram as demais,
Acaba não resistindo à passagem do tempo, senhor de todo ser vivente,
E numa manhã chuvosa cai diante do vento forte
Ou de um raio que a atinge em cheio.

Mas a tempestade, que vem e vai com a mesma velocidade,
Não é capaz de extinguir a árvore,
Que continua viva no DNA que seus descendentes carregam;
Nas memórias dos piqueniques realizados à sua sombra;
Nas lembranças embaladas sob sua copa;

No sabor de cada fruto que produziu e se reproduziu.

Assim é o homem,

Que um dia tem que encerrar o seu ciclo

E, como as árvores, dar lugar a outras gerações que delas provieram.

Porém, como elas, o homem, mesmo tendo passado a habitar na companhia de Deus,

Permanece vivo nas memórias construídas à sua sombra;

Nas lembranças edificadas nos sabores que proporcionou a outros seres;

Nos ensinamentos nascidos a cada estação;

Na beleza de suas flores e do canto dos pássaros que repousaram em seus galhos;

No bem que proporcionou ao outro está o legado

De cada homem, que se eterniza no amor que semeou.

Aos que sempre habitarão em nosso ser,

Não existem despedidas, pois,

Sua ausência física será sempre preenchida pelos bons frutos que produziu,

Pelas boas sementes que plantou, regou e fez brotar,

Pelas lutas que nos ensinou a vencer, se for possível, mas a enfrentar sempre,

E de cabeça erguida para que, nos até-logo, possamos dizer

“Vá em paz. Descanse o sono dos justos. Orgulho-me de ter partilhado a vida

À sua sombra e de ser fruto de sua frondosa árvore”.

Homenagem de gratidão
a Orestes Souza de Carvalho
(26.01.1932 – 19.07.2020),
de um neto que nunca o esquecerá.

JÁ É HORA

Sua voz era firme, forte
E, ao mesmo tempo,
Recheada de doçura.
Dava força, foco
E ensinava a caminhar.

Naquele início de manhã,
Com o sol ainda nascente,
O menino em sono solto
Era acordado pela
Voz sempre lembrada.

“Neto, neto,
Vamos, acorde...
Já é hora!”

E pulava da cama
O menino.
Tirava a remela dos olhos
E logo estava na garupa
D’uma *Monark* azul,
Como o céu daquela manhã.

A voz que hoje
Acordou o menino-homem,

Tinha o gosto das
Lembranças de outrora...
Era o vovô
Que lá de cima
Chamava
Pra ordenha da
Vaquinha preferida
Ensinar.

“Roxinha, chegue...
Roxinha, chegue...”

E assobiava
Num aboio diferente.

Era aboio de
SAUDADE.

Nossa Senhora das Dores (SE),
no nascer do dia 23 de janeiro de 2021.
(Para o sempre lembrado vovô Orestes)

LACRIMAR

Silêncio...

Bendito silêncio

D´uma noite fria

De outono.

No cantar d´um galo

No tic-tac d´um relógio

A apontar o fim d´um ciclo

E o início d´outro,

Como se o viver

Também tivesse

Dias primaveraís

E noites outonais.

No coaxar dos sapos,

No pingar da chuva,

Na criança a ressonar...

Pulsam a vida!

E lembranças

Que provocam

O lacrimar.

Nossa Senhora das Dores (SE),

15 de maio de 2021.

(Para Jenival Araújo, meu avô)

LINHA TÊNUE

Insônia...

Insana sensação

De impotência

Diante de um mal

Que ceifa vidas

Na família, no ciclo de amigos,

De profissionais, de conterrâneos,

De desconhecidos.

Vida...

Morte...

Linha tênue

Da insensatez,

Do não cuidar,

Do malquerer.

Das máscaras

Que caem,

Quando deviam proteger.

De pessoas e governos

Que não levam a sério

A vida alheia;

Trazendo o pranto

E o luto

A tantos lares

E corações que um dia
Se cruzaram.

A vacina?
Está aí há dois mil anos,
Quando dizia o Grande Mestre
Que ao próximo,
Como a si mesmo,
Se deve
AMAR.

Nossa Senhora das Dores (SE), nos
primeiros minutos do 15º dia do mês
de maio de 2021. (Ao amigo Domingos de
Oliveira, cuja vida foi ceifada pelo vírus do
desamor na rapidez de um gole de vinho).

NO SEU VAIVÉM

Amada Doninha
No embalo da “hamaca”...
Ó querida bisa
Ficou na lembrança.
Assim como a tia,
Querida Dudu,
Que na Grande Baixa
Na rede ia e vinha.

Depois o vovô,
Na sesta repousa.
Após um pirão
De gorda galinha.
Naquela tecida
Que mais parecia
Parte do seu
Cansado corpinho.

Herança que Orestes
Passou para mim...
Legado que segue
À outra geração.
Acarinhados bisnetos
No rem-rem do balanço
Alice e Arthur,
Na rede do tempo,

Constroem memórias
Que se perenizam
No seu vaivém.

Nossa Senhora das Dores (SE),
06 de janeiro de 2021.
(Para Edivaldo Barreto, neto
de Doninha e meu pai)

***Que sabor tem
A SAUDADE?***

Tristeza?

Ausência?

Perda?

Dor?

Não!

Hoje, a saudade,
Esse amor que vem do peito,
Tem o feliz sabor da
GRATIDÃO.

Nossa Senhora das Dores (SE),
26 de janeiro de 2021.
(Para o aniversariante do dia)

SAUDADE

É reencontro
que resplandece
num pavio de memórias.

É esperança
com sabor da certeza
da presença na ausência;
da voz no silêncio
de uma noite sem luar;
da poesia que é drama
no lembrar que sobrepõe
o até logo da despedida.

É encontro
de um “eu” com outro “eu”
eternamente unidos
no coração saudoso
de uma criança.

Nossa Senhora das Dores (SE),
19 de julho de 2021.
(Aos que têm o dom de semear
saudade no coração de alguém)



Traduzir um sentimento?

Representar, numa palavra, o

Anseio de um reencontro? O

Desejo de reviver, ao menos, mais

Um momento? Um

Zilionézimo de segundo que seja...

Impossível transcrever a abstração

Reproduzida no olhar de quem sente **SAUDADE.**